

A MÁSCARA COMO RECURSO TERAPÊUTICO¹

FERNANDA DO NASCIMENTO MAIA²

RESUMO

Através de uma análise da máscara enquanto símbolo-persona-objeto o presente trabalho propõe a máscara enquanto recurso terapêutico da clínica de Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: inconsciente, terapia ocupacional

THE MASK AS AN OCCUPATIONAL THERAPEUTIC RESOURCE

ABSTRACT

Through an analysis of the mask as a symbol-persona-object this paper proposes the use of the mask as a therapeutic resource in the clinic of Occupational Therapy.

Key words: unconscious, occupational therapy

INTRODUÇÃO

Historicamente a terapia ocupacional realiza o processo de análise de atividade como ferramenta de conhecimento das atividades, dos componentes de desempenho, dos significados culturais e psíquicos envolvidos no processo. Dessa forma o terapeuta ocupacional é capaz de utilizar as atividades como recursos terapêuticos, para trabalhar componentes específicos dos objetivos de tratamento de cada indivíduo.

Ao pesquisarmos sobre a história da máscara e suas influências nas mais diversas culturas é possível percebermos que a máscara fez, e faz parte da história e do cotidiano de todos os homens. Máscara essa que

deve ser entendida não somente como objeto físico, mas como fenômeno psíquico e, principalmente, como um importante símbolo. Através de uma análise da máscara enquanto símbolo-persona-objeto o presente trabalho visa propor a máscara enquanto recurso terapêutico da clínica de Terapia Ocupacional.

A MÁSCARA COMO OBJETO SIMBÓLICO

Em seus primórdios, a psicologia analítica veio se diferenciar das teorias psicológicas existentes na época, pelo conceito de inconsciente defendido por seu precursor. Ao definir inconsciente, JUNG (2000, p.15) utiliza a classificação de inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Segundo ele “uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente

¹Trabalho apresentado no VII Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional-2001, Porto Alegre.

² Terapeuta Ocupacional do Hospital de Força Aérea do Galeão-RJ.

peçoal”. Essa camada é composta por experiências e aquisições pessoais.

Por inconsciente coletivo, Jung entende uma camada mais profunda da psique, repleta de conteúdos e comportamentos comuns a todos os indivíduos. Conteúdos esses que não são adquiridos individualmente, mas herdados. “O inconsciente coletivo não é de natureza individual, mas universal, contrariamente a psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são (...) os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos.” (JUNG, 2000, p.15)

A esses conteúdos herdados Jung denominou arquétipos. Os arquétipos são predisposições natas que surgem na consciência como imagens, padrões ou motivos recorrentes e universais, que representam e simbolizam a experiência tipicamente humana e universal de diferentes maneiras. Segundo JUNG (2000, p.18), “arquétipo (...) indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar”.

O arquétipo é formado por conteúdos universais essencialmente inconscientes, que quando chegam à consciência ganham forma e intensidade de acordo com a consciência pessoal na qual emergiram. O arquétipo é comum a toda espécie humana, porém a forma como ele vai se apresentar, sua intensidade e características ao se manifestar são pessoais.

Os arquétipos encontram seu veículo de manifestação nos símbolos. Um símbolo é uma forma de energia psíquica. Segundo AUGRAS (1967, p.115), “o simbolismo é a própria linguagem do inconsciente”. O símbolo tem a capacidade de expressar algo indefinível, algo que vai além da capacidade verbal de expressão. A palavra tem um significado exato, o símbolo não. O significado do símbolo não é óbvio, mas alguma coisa viva, intensa e enigmática. Segundo SILVEIRA (1990, p.80) “o símbolo não é racional nem irracional, porém as duas coisas ao mesmo tempo.”

O símbolo é a melhor forma que o homem possui de expressar seus conteúdos inconscientes. É a forma de definir na realidade tudo o que a razão não pode definir. O símbolo tem vida, atua, alcança dimensões que o conhecimento racional não pode atingir. BYINGTON (1987, p.36) afirma que “toda cultura é caracterizada por inúmeros símbolos que estruturam a consciência coletiva.”

O símbolo encontra sua expressão em veículos que possibilitam a expressão do inconsciente tais quais os sonhos e a arte. Dentre os meios de expressão do símbolo encontrados no mundo das artes podemos incluir a máscara.

A máscara é um objeto universal, havendo relatos de seu uso em diferentes partes do mundo, em diferentes épocas. Segundo NUNLEY E MCCARTY (1999) as máscaras são o meio mais antigo de mudar de identidade. A origem do termo máscara não é bem clara, mas provavelmente vem do termo Árabe maskara, o qual significa falsificar ou transformar em um animal, monstro ou aberração (LURKER, 1997). Encontramos também tradução do termo no latim como persona que significa “som emitido através de”.

NUNLEY E MCCARTY (1999) relatam que antropólogos acreditam que o uso da máscara date de aproximadamente 30.000 anos. Através de pinturas rupestres foi possível constatar que, originalmente, as máscaras eram feitas de peles de animais e eram utilizadas para camuflar o caçador, com o objetivo de atrair sua presa. Estudos apontam que em um segundo momento a máscara também passou a ter uma função mágico-ritualística.

Nesse período, as máscaras refletiam o mundo dos espíritos. Elas constituíam um meio de identificação primário do homem com as forças sobrenaturais. As danças de máscaras faziam com que o mundo invisível se tornasse visível. A mediação com os espíritos através

da dança de máscaras dava aos homens uma maneira de controlar o meio ambiente. Um homem com uma máscara divina não representava o Deus, ele era o próprio Deus. (NUNLEY E MCCARTY,1999)

A utilização da máscara com funções mágico-ritualísticas perdurou, principalmente, nas sociedades onde a agricultura, a caça, a fertilidade e as tradições orais são muito importantes. Nessa função, a máscara vem simbolizar a força mística, sagrada, que rege o mundo e que através dela pode ser um pouco dominada pelo homem. Além do papel místico-religioso citado, a máscara tem também seu papel agregado a acontecimentos e questões contidas em fatos sociais e emocionais. Dentro dos papéis sociais da máscara podemos destacar a função de elemento de força e mantedora do poder, como na sua utilização por diversos chefes de tribos e nos cultos apavorantes que perduram em determinadas tribos africanas. E com uma representação diferente, mas com a mesma função, nos carrascos e nos membros dos tribunais de inquisição na idade média. Destacamos, também, a função de proteção de identidade em eventos públicos, como no caso das máscaras votivas e das máscaras carnavalescas; a função de castigo às pessoas que não seguiam as regras sociais, como nas máscaras infames da idade média; e a função de caracterização ligada ao folclore, ao carnaval e ao teatro.

No Brasil quase todos os povos indígenas possuíam bailados com máscaras. As máscaras eram usadas em cerimônias com o objetivo de proteger as caçadas e pescarias. Também eram usadas para celebrar datas importantes da tribo. Muitas tribos indígenas acreditavam que as máscaras de certos animais encerravam as almas dos mortos.

Porém, não é só nas tribos indígenas que a máscara se destaca. KLINTOWITZ (1986) ressalta o Brasil como um país rico em mitos e ritos onde a máscara tem uma importância vital e é presença constante na vida da

população. Muitas festas folclóricas, onde a máscara tem seu lugar, se destacam no Brasil. Alguns exemplos são a Folia de Reis, a Cavalhada e a Dança do Boi, festas típicas do Maranhão, mas que tem festas equivalentes pelo Brasil.

Finalmente, como uma das festas populares mais importantes do Brasil, destacamos o carnaval. Com origem nos cultos aos Deuses da antiguidade, o carnaval se difundiu pelo mundo, chegando ao Brasil com o nome de Entrudo, vindo de Portugal no início do século XVII, quando se realizou uma celebração feita pelo povo para comemorar a vinda da família Real ao Brasil. Nesta data as pessoas saíram comemorando pelas ruas com música, usando máscaras e fantasias. O carnaval brasileiro foi se modificando no decorrer dos anos e atualmente possui diversas expressões ao longo do país. O carnaval é caracterizado pela máscara, porém não a que esconde, mas a que revela. Ao ter a identidade resguardada é possível que a pessoa revele todos os seus desejos e sentimentos sem sofrer a crítica da sociedade. É o tempo de revelar, livre das amarras sociais.

Na era contemporânea, além das máscaras herdadas de cada cultura e utilizadas geralmente em eventos específicos, encontramos mais dois tipos de máscaras utilizadas mundialmente: as máscaras de proteção e as máscaras de transgressão. As máscaras de proteção são dotadas de um caráter mais particular. Entre elas podemos citar as máscaras da guerra, do trabalho e do esporte que preservam o homem da dor, dos males e dos perigos que ameaçam sua existência. As máscaras de transgressão são máscaras sociais do cotidiano, utilizadas por tribos urbanas como os punks, que utilizam o artifício da transfiguração para reforçar suas idéias acerca da sociedade. (NUNLEY E MCCARTY ,1999)

MÁSCARAS DO COTIDIANO

Ao tomarmos conhecimento dos relatos mais antigos da utilização das máscaras pela humanidade, podemos verificar que colocar uma máscara nunca foi uma atividade singular. Para que o ato de mascarar tenha relevância e significado é necessário uma audiência, outro para quem se mascarar.

Ao estudarmos as bases teóricas da psicologia analítica, nos deparamos com o conceito de persona. Persona é o termo em latim para a palavra máscara e foi o termo utilizado por Jung para denominar os papéis que utilizamos frente à sociedade e aos diversos grupos sociais que freqüentamos e que se modifica de acordo com as diferentes situações que vivemos.

A persona é uma adaptação do indivíduo ao meio social em que vive, “corresponde, pois, na totalidade da sua essência a uma função de adaptação do indivíduo ao mundo real” (JUNG, 2004, p.150). HALLE LINDZEY (1973, p.101) resumem bem os conceitos de Jung sobre persona ao relatarem que “Persona é a máscara usada pelo indivíduo em resposta às solicitações da convenção e da tradição social e as suas próprias necessidades arquetípicas internas. É o papel que a sociedade lhe atribui, a parte que a sociedade espera que ele represente na vida.” Através da persona, assumimos papéis específicos para as situações sociais com as quais nos deparamos.

A persona é uma resposta a uma solicitação externa. Ela é o que os outros gostariam que o indivíduo fosse ou o que ele acha que os outros gostariam que ele fosse. Porém o indivíduo só assume o papel a ele atribuído se houver algum tipo de identificação por parte do ego. O ego é o componente responsável pela retenção de conteúdos na consciência, porém às vezes alguns conteúdos são afastados dessa consciência do ego. Segundo STEIN (1998, p.26) “o ego pode “reprimir” conteúdos que não lhe agradam, ou que considera

intoleravelmente penosos ou incompatíveis com outros conteúdos.” Esses conteúdos que foram suprimidos ou reprimidos pelo ego caem na sombra. Persona e sombra podem ser consideradas estruturas complementares. Os conteúdos não aceitos socialmente ou pela consciência, ou seja, que não servem para a persona e o ego, encontram seu lugar na sombra. STEIN (1998, p.206) define sombra como “os aspectos rejeitados e inaceitáveis da personalidade que são recalcados e formam uma estrutura compensatória para os ideais de si-mesmo do ego e para a persona.”

A persona é necessária para um bom relacionamento em sociedade. Segundo JUNG (2002, p.91) ela é “um elo de ligação entre a personalidade e o mundo externo”. Porém é preciso um ego forte para se relacionar com o mundo através de uma persona flexível. Por uma persona flexível entende-se, uma pessoa capaz de se modificar frente às diferentes situações apresentadas, vivendo um papel próprio para cada situação específica. BYINGTON (1988) relaciona dois problemas principais que podem se dar em relação à persona: problema de estruturação e problema de apego à adaptação.

Na alteração decorrente do apego encontramos pessoas excessivamente ligadas a persona que estruturaram, pessoas que não conseguem se desvencilhar em nenhum momento do papel que criaram. Segundo STEIN (1998), geralmente, quanto mais prestigioso o papel, mais forte a tendência de identificar-se com ele. O apego à adaptação pode se dar pela falta de flexibilidade da persona, o que gera uma persona rígida que tende a aderir ao ego.

Quando uma pessoa vivencia sempre o mesmo papel, tende a não conseguir se desfazer dele, chegando a se fundir a ele de tal forma que persona e ego se confundem. Podemos citar como exemplo uma mulher que quando criança teve problemas de saúde tendo sido nomeada pela família como frágil e sensível e quando cresce, mesmo com saúde perfeita, continua se portando,

tanto a nível pessoal quanto profissional, como frágil e sensível. Outro exemplo é o militar que deve ser rígido em seu ambiente de trabalho e quando está em seu ambiente pessoal não consegue se desfazer desse papel, se apresentando também rígido com sua família e amigos.

Antagonicamente a esse processo de apego a persona, existe a problemática na sua estruturação, que pode ser definida pela dificuldade de assumir uma persona adequada, ou seja, pela dificuldade de assumir máscaras condizentes com a demanda da sociedade. Indivíduos com essa problemática são os ditos “esquisitos”, que não conseguem se sentir realmente inseridos ao grupo e tendem a viver à margem da sociedade. Na categoria do déficit de estruturação observamos pessoas que nunca encontraram seu papel, seu lugar na sociedade, seja pela não aceitação dos papéis que a sociedade lhe atribuía, seja pela vivência de papéis impostos por outros em relações onde nem sempre houve chance de escolha desses papéis.

MÁSCARA-OBJETO DENTRO DO CONTEXTO DA TERAPIA OCUPACIONAL

CREPEU (2002) descreve o processo de análise de atividade como um mecanismo de raciocínio utilizado pelo terapeuta ocupacional para compreender as atividades, os componentes de desempenho necessários para realizá-las e os significados culturais tipicamente atribuídos a elas. O autor relata que a análise de atividade tipicamente evolui das perspectivas mais gerais voltadas para as tarefas e a teoria para a perspectiva voltada para o indivíduo. A análise voltada para a tarefa aborda: os métodos e o contexto típicos do desempenho da atividade, a variedade de habilidades envolvidas neste desempenho e os vários significados culturais que poderiam ser atribuídos à atividade.

Ao analisarmos a atividade de confecção da máscara verificamos que esta implica em outras atividades

intermediárias como: projeto, corte, recorte, colagem, costura e modelagem, dependendo da técnica escolhida.

As máscaras podem ser: esculpidas em madeira, pedra ou vegetais; forjadas em ferro, cobre, ouro e outros metais, confeccionada em papelão, jornal e outros papéis ou modeladas em argila, gesso, papel maché, plastilina e outros tipos de massa. Depois de confeccionadas as máscaras podem ser pintadas ou ornadas com diferentes materiais como purpurina, penas, conchas, fitas e papéis.

A escolha da técnica a ser utilizada para a confecção da máscara será fundamental para o desenrolar do processo terapêutico. Ao idealizar o projeto, de todo o processo de confecção da máscara ou de parte dele, o indivíduo ativa processos cognitivos e emocionais. Idealiza, projeta, antecipa e seleciona entre possibilidades, aceitando algumas e tendo que se desfazer de outras.

As atividades intermediárias que compõem o processo de confecção da máscara proporcionam ao terapeuta ocupacional um vasto campo de técnicas e materiais que ele pode utilizar para trabalhar questões específicas, não só cognitivas e emocionais, mas motoras e sensoriais.

WAYTELL-RENDALL (2002) descreve o processo de reeducação sensorial e cita a utilização de materiais de texturas diversas para o treinamento de discriminação. Dentro das possibilidades de atividades da máscara é possível fazer a escolha de materiais diversos como lixa, pena, papel maché, argila, areia, grãos, fios, tintas, tecidos e tantos outros que poderão proporcionar as experiências sensoriais desejadas pelo terapeuta ocupacional.

Ao falar da reeducação da preensão MACDONALD (1998) cita que o tratamento, entre outras atividades, deve incluir segurar pequenos objetos com a mão ou com pinça, dobrar e rasgar papel, escultura em papel, modelagem em argila e segurar os fios e costurar. Questões motoras podem ser trabalhadas através da

mesma variedade de materiais e atividades citados na reeducação sensorial. Por exemplo, é possível trabalhar força com uma máscara modelada em argila; pinça através de pintura com pincel ou colagem de contas, lantejoulas ou grãos; ou funções específicas como recortar, cortar ou costurar, com papéis, fitas e tecidos.

Utilizar uma atividade com um projeto e objetivo específicos na reabilitação física proporciona um contexto ao indivíduo. Segundo TROMBLY (1989) as pessoas vêem a ocupação como importantes quando elas são significativas dentro do contexto de suas vidas. Com base nessa afirmativa podemos supor que os estímulos motores e sensoriais serão mais bem recebidos pelo indivíduo dentro de uma atividade.

Além de sua confecção e das atividades intermediárias a ela associadas, a máscara possibilita desdobramentos como o ato de vesti-la, a interpretação de personagens, a criação de adereços e de outros personagens relacionados e até a criação de histórias baseadas na máscara escolhida.

A MÁSCARA E A TERAPIA OCUPACIONAL

O homem em seu cotidiano assume várias máscaras, frente a si e a sociedade. São inúmeros os papéis que o homem pode assumir e inúmeros são os modos que ele irá encontrar para lidar com eles. Surgem então as dificuldades. Essa dificuldade de lidar com papéis aparece em diversas épocas na vida de todos os homens. Podemos percebê-la em situações que GILES e NEISTADT (2002) definem como alterações normativas importantes da vida como casamento ou perda. Em tais situações podemos perceber problemáticas como do noivo que ainda não consegue assumir o papel de esposo, ou grávida que tem dificuldades em se ver no papel de mãe.

Somando-se às dificuldades relacionadas a momentos específicos e naturais de passagem e de necessidade de vivência de novos papéis, existem as mudanças não

normativas segundo a nomenclatura de GILES e NEISTADT (2002), tais como: a perda de um emprego levando o indivíduo a ter de vivenciar o papel de desempregado ou de uma função ocupacional que não desejava, o acontecimento de um acidente ou o surgimento de uma doença que leva o indivíduo a trocar diversos papéis sociais pelo papel de doente, deficiente, inválido. Todas essas são situações inesperadas de papéis impostos, indesejados e algumas vezes imutáveis. Essas pessoas passam a viver papéis impostos por mudanças radicais que modificaram suas vidas e sua maneira de interagir com o mundo à sua volta. BEER (2002) cita o trabalho de Talcott Parsons (1951), onde o autor relata que quando as pessoas contraem uma doença ficam isoladas, temporalmente, de seus papéis sociais normais. Porém os indivíduos não ficam, sem desempenhar um papel. As pessoas doentes assumem o papel de doente.

Além dessas alterações de papéis em momentos específicos da vida que levam a dificuldades de relação com seus papéis sociais, encontramos pessoas que se desenvolveram envoltas em relações não satisfatórias ou até mesmo patológicas com a sociedade a sua volta. Dessa relação conturbada surgem os problemas relacionados à persona descritos anteriormente: déficit na estruturação e apego.

Na prática de terapia ocupacional podemos observar essas problemáticas de convivência com máscaras/personagens. Vejamos um setor de reabilitação profissional, por exemplo. O indivíduo sofre uma lesão ou adquire uma patologia e é encaminhado para o setor de Terapia Ocupacional. O terapeuta ocupacional tenta descobrir qual a função que mais condiz com o cliente dentro das suas possibilidades, para iniciar então o trabalho de reabilitação voltado para essa função. Porém, na maior parte das vezes essa função é muito diferente da que ele desempenhava anteriormente e muitas vezes a reabilitação não dá certo. Por que isso

ocorre se o terapeuta desenvolve e realiza um plano de atividades voltadas para a reabilitação e treinamento nessa função? Por que ocorre se os entraves motores, cognitivos e perceptivos já foram superados? Pode ocorrer porque esse indivíduo não consegue assumir essa máscara. Ele está ligado a um papel que muitas vezes fez parte da sua vida por décadas. Como querer que de uma hora para outra ele esqueça parte de si próprio e assuma um papel que lhe é totalmente estranho? Algumas pessoas têm facilidade em adquirir e desfazer-se de máscaras, porém, o nosso cliente já fragilizado pela patologia e por todas as mudanças ocorridas na sua vida, provavelmente terá maior dificuldade.

Porém, não só na reabilitação profissional surge essa questão. Se pensarmos na maior parte da clientela atendida pela terapia ocupacional, veremos pessoas que vivem papéis que lhes foram impostos pelas circunstâncias, que muitas vezes assumem esta máscara sem questionar ou mesmo saber como conviver com ela. Nesse período de mudanças muitas máscaras são desativadas, muitas são adquiridas e esse indivíduo pode não estar preparado para lidar com tais mudanças.

Faz parte do trabalho da terapia ocupacional auxiliar essas pessoas a terem autonomia frente a essa situação para serem capazes de escolher as máscaras que servem ou não para elas e para saber interagir com seus novos papéis. HAGEDORN (1999) afirma que a capacidade de reagir adaptativamente a circunstâncias de mudança no decorrer da vida é essencial para a sobrevivência e o bem-estar pessoal. Segundo a autora a adaptação depende da capacidade de perceber e responder aos estímulos do ambiente e aprender novas respostas quando necessárias. Capacitar uma pessoa a se adaptar é uma questão de encontrar o equilíbrio entre as demandas do ambiente e as necessidades, capacidades e desejos da pessoa.

Em nossa prática profissional e através da utilização da máscara como recurso terapêutico, temos a possibilidade de proporcionar ao indivíduo um campo adequado para o confronto com seus conflitos, possibilitando não só esse confronto, mas também a interação com sua dinâmica de papéis. Através da criação e manipulação de máscaras/personagens é dada ao sujeito a possibilidade de confrontar não só a nível virtual, mas de modo mais real os seus temores, dúvidas e conflitos. Através de uma relação dialética com esses papéis o indivíduo encontra uma possibilidade de escolher quais papéis quer representar no mundo.

Historicamente ao vestir a máscara o indivíduo passa a ser a própria máscara e o que ela representa. A dramatização com a(s) máscara(s), seja individual ou coletiva, possibilita que o indivíduo confronte concretamente suas máscaras. O indivíduo pode vestir a máscara/personagem ou pode interagir com a máscara caracterizada em outra pessoa. O jogo dramático possibilita o diálogo, a assimilação e compreensão da própria máscara. Ao tomar consciência dela e do que ela representa em sua vida o indivíduo pode optar em tomar alguma atitude quanto a ela. Pode aceitá-la, repudiá-la, transformá-la.

A terapia ocupacional possui uma visão voltada prioritariamente para o fazer humano, para a ocupação. Pensar essa ocupação é pensar um complexo composto por uma gama de relações motoras, cognitivas, sensoriais, e essencialmente por uma rede de relações psicossociais. A função da terapia ocupacional não está apenas ligada a desenvolver a ocupação enquanto ação, mas enquanto ação-personagens, trabalho-desempenho. Pensar em reabilitar é pensar também em estabelecer todas as redes que esta ocupação produz. A máscara permite o brincar com essas relações e com os papéis desempenhados dentro delas. Vivenciar esses papéis em um mundo imaginário permite que o homem vivencie seus medos, temores, desejos e expectativas. Essa vivência ensina o indivíduo a lidar com suas diferentes

máscaras frente à sociedade, ensina-o a ter autonomia em suas escolhas de papéis que deseja representar. Neste brincar de máscaras é possível que o indivíduo amplie seu repertório de possibilidades de campos, de máscaras existenciais, o que irá possibilitar em maior escala uma mudança do sujeito com o meio.

Mas o que diferencia o uso da máscara na terapia ocupacional de outras atividades como a arteterapia ou a psicologia? Mais uma vez ocupar é um complexo que envolve em sua primeira instância a relação com a materialidade. O terapeuta ocupacional irá utilizar as técnicas e os materiais para a confecção das máscaras de acordo não só com as afinidades, mas com as necessidades de seu cliente. Como terapeutas ocupacionais utilizamos a confecção da máscara em sua total amplitude, trabalhando com texturas, movimentos, noções de espaço, lateralidade, etc. e serão as técnicas e materiais que produzirão subsídios para o nosso trabalho, quer ele vise o cognitivo, corporal, motor, psíquico, sensorial... A atividade com máscara irá se adaptar as necessidades do cliente. Segundo FRANCISCO (1988, p. 39) “Considera-se que uma atividade adapta-se ao tratamento quando possibilita que o “paciente” exercite a função lesada”. HAGEDORN (1999) corrobora com a visão da utilização de atividades criativas no trabalho da reabilitação ao afirmar que a Terapia Ocupacional “utiliza atividades de modo criativo e terapêutico para alcançar objetivos significativos para o indivíduo, minimizando os efeitos da disfunção”. (p. 17)

A máscara possui essa habilidade de se adaptar a diversas necessidades do cliente, não só nos aspectos psíquico-sociais, mas no físico. Nossa ação e nossa história se constroem em um paralelo. Para DAMÁSIO (1999, p. 266) “As representações do corpo em ação desempenham um papel importante na consciência”. Segundo o autor cada fazer apreendido gera novas representações neurológicas. Essas ações corporais

estão guardadas no corpo não só como uma seqüência de atividades, mas enquanto experiência, enquanto corpo vivido.

Ao analisarmos essa gama de relações complexas percebemos que nenhum movimento é sem sentido, sem função. Cada movimento apreendido irá gerar novas formas de lidar com o mundo, novas maneiras de agir em sua relação objetal.

Percebemos então que cada nova possibilidade motora gera um novo papel, uma nova máscara. Ao possibilitarmos novos meios de fazer, possibilitamos novos sermos. Construimos novas máscaras.

O principal instrumento de trabalho da terapia ocupacional é a ocupação. Através dessa ocupação possibilitamos novas personas, instituímos novos arquétipos, produzimos máscaras. Ao produzirmos novas máscaras resgatamos a vida ocupacional e colocamos novamente o sujeito de modo efetivo no mundo. Além de ser um possível instrumento a ser utilizado de modo criativo na reabilitação física, a máscara é também um potencializador de efetivos atores sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentar uma atividade com uma função tão ampla como a máscara demonstramos que é possível através de atividades simples realizarmos um trabalho amplo e eficiente. A máscara é um instrumento mediador que possibilita ao terapeuta ocupacional trabalhar com o cliente em todos os seus aspectos biopsicosociais. Dessa forma, esse trabalho ao propor a confecção e a utilização de máscaras dentro do atendimento de terapia ocupacional, demonstra que é possível trabalhar componentes relacionados à reabilitação motora, levando ainda à experimentação de diversos medos, temores, desejos e expectativas dos papéis desempenhados no momento da situação atual e sua mudança para novas funções ocupacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGRAS, M. *Dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- BEER, D. A experiência da doença e da invalidez sob uma perspectiva individual. In: NEISTADT, M. E., CREPEAU, E. B. *Terapia Ocupacional: Willard e Spackman*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 27-36, 2002.
- BYINGTON, C. *Desenvolvimento da personalidade: símbolos e arquétipos*. São Paulo: Ática, 1987.
- BYINGTON, C. *Dimensões simbólicas da personalidade*. São Paulo: Ética, 1988.
- CREPEAU, E. Análise de atividades: Uma forma de refletir sobre desempenho ocupacional. In: NEISTADT, M. E., CREPEAU, E. B. *Terapia Ocupacional: Willard e Spackman*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 121-133, 2002.
- DAMÁSIO, A. *O mistério da consciência: do corpo, das emoções ao conhecimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- FRANCISCO, B. *Terapia ocupacional*. São Paulo: Papirus, 1988.
- GILES, G.; NEISTADT, M. Tratamento para os componentes psicossociais: Controle do Estresse. In: NEISTADT, M. E., CREPEAU, E. B. *Terapia Ocupacional: Willard e Spackman*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 426-437, 2002.
- HAGEDORN, R. *Fundamentos da prática em terapia ocupacional*. São Paulo: Dynamis editorial, 1999.
- HALL, C.; LINDZEY, G. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1973.
- JUNG, C. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Obras completas de C. G. Jung. Volume IX/1. Rio de Janeiro : Vozes, 2000.
- JUNG, C. *Cartas: 1946-1955*. Obras completas de C. G. Jung. Volume II. Rio de Janeiro : Vozes, 2002.
- JUNG, C. *O eu e o inconsciente*. Obras completas de C. G. Jung. Volume VII/2. Rio de Janeiro : Vozes, 2004.
- KLINTOWITZ, J. *Máscaras brasileiras*. São Paulo : Projeto Cultural Rhodia, 1986.
- LURKER, M. *Dicionário de simbologia*. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- MACDONALD, E. *Terapia ocupacional em reabilitação*. 4. Ed. São Paulo : Santos livraria editora, 1998.
- NUNLEY, J.; MC CARTY, N. *Masks faces of culture*. Nova York : Abrams, 1999.
- SILVEIRA, N. C. *G. Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1990.
- STEIN, M. *Jung – o mapa da alma: uma introdução*. São Paulo : Cultrix, 1998.
- TROMBLY, C. *Terapia ocupacional para a disfunção física*. 2ª Ed. São Paulo: Santos livraria editora, 1999.
- WAYLETT-RENDALL, J. Reeducação sensorial. In: NEISTADT, M. E., CREPEAU, E. B. *Terapia Ocupacional: Willard e Spackman*. Rio de Janeiro : Guanabara Koogan, p. 364-365, 2002.

Recebido: 03/02/2009

1ª revisão: 24/08/2009

2ª revisão: 23/11/2009

Aceite final: 25/11/2009